

A Neutralidade da E.E.B. Aderbal Ramos da Silva sobre as violências contra as mulheres.

Autora: Nicoli Adriani Chaves (PIBIC EM - E.E.B. Aderbal Ramos da Silva) | amiganicoli36@gmail.com
Orientadora: Aline dos Santos Carolino (NIGS, Antropologia - UFSC).
Coordernadoras do Projeto PIBIC EM: Profª. Dra. Miriam Pillar Grossi e Dra. Alexandra Eliza Vieira Alencar.

INTRODUÇÃO

Nós, mulheres, durante o nosso cotidiano, podemos nos deparar com situações de violências, como: agressões verbais, físicas, psicológicas que nos causam grandes danos. Segundo o Art. 2º da lei Maria da Penha - Lei 11340/06 “toda mulher, independentemente, de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social”.

Com essa pesquisa busco investigar como as estudantes da E.E.B. Aderbal Ramos da Silva, acham que a escola pode lhes auxiliar, caso passem por alguma das situações de violências.

JUSTIFICATIVA

A partir da hipótese de que a escola se posiciona com "neutralidade" face à situações de violências, considero que isto significa que ela não enfrenta este grave problema de gênero. Quanto antes tratarmos das violências, compreendendo que existem em todos os lugares, evitaremos mais casos.

OBJETIVO GERAL

Compreender o ponto de vista das estudantes a respeito do posicionamento da E.E.B. Aderbal Ramos da Silva caso haja violências contra mulheres.

METODOLOGIA DE PESQUISA

- Conversas informais e entrevistas;
- Análise de fotos da feira de ciências.



CONTEXTO DAS FOTOS

No ano de 2018, a turma 22 da escola E.E.B. Aderbal Ramos da Silva escolheu o tema “preconceito” para apresentar na feira de ciências, tratando da violência contra as mulheres, a LGBTfobia e o racismo. A apresentação trouxe estudantes, pais e professores/as interessados, tornando assim uma grande discussão do tema.

O Grêmio Estudantil L.U.T.E também promoveu o projeto “diferenças sociais”, onde fotografias foram tiradas de vários estudantes voluntários da escola, pela estudante fotógrafa: Beatriz Cidade, as fotos foram apresentadas em slides durante as apresentações da turma 22 sobre o preconceito. Esse projeto mostrou a diversidade de estudantes e funcionários da escola, destacando suas personalidades e incentivando o empoderamento estudantil.

Em cada fotografia foi expressado as lutas femininas do cotidiano, com palavras de ordens feministas e mulheres negras. As fotos expressam as lutas contra o racismo, machismo, violências e o padrão de beleza imposto pela sociedade. Também manifesta a luta feminista e homoafetiva.



ENTREVISTAS

Entrevistei uma estudante, do terceiro ano do ensino médio, sobre a neutralidade da escola quando se trata das violências contra as mulheres, obtive algumas respostas um tanto pessimistas. A estudante me disse que na escola praticamente não se fala sobre nenhum tipo de violência, muito menos se fala sobre violência contra as mulheres. Me contou que está há três anos nela, mas nunca participou de nenhuma palestra sobre o tema ou alguma que promova a paz no ambiente escolar. Segundo ela, o único contato com o tema é dentro de sala, pois discutem superficialmente nas aulas de sociologia.

Relatou que tem certeza que não pode contar com o apoio da escola para resolver algum caso do gênero, porque já havia visto casos de agressão que ocorreram dentro da escola, onde uma menina foi agredida por seu namorado e nada foi feito a respeito, todos ficaram sabendo da agressão, mas não chegou a ninguém qual foi a punição pelo ato.



Assim, afirmou novamente que não contaria com a escola para resolver problemas do tipo. Me disse nunca ter sofrido agressão física dentro da escola, porém, em casa, sofreu por uma pessoa que não é da sua família. Também propôs que a escola poderia evitar certos acontecimentos, se informasse os/as estudantes sobre as leis e os orientassem em como agir em caso de violências. Também disse se fosse exposta a alguma agressão procuraria a diretoria da escola, ou a polícia, mas afirmou ter certeza de que nenhum deles resolveriam.

A segunda a ser entrevistada, foi uma estudante do terceiro ano do ensino médio, também disse que é raro ver a escola se posicionar sobre a violência contra as mulheres, nunca havia visto nada durante todo o seu ensino médio. Relatou que já passou por situações de violência dentro da escola, haviam jogado uma maçã em seu rosto e quando recorreu a direção nada foi feito.

Aprendeu que não poderia contar com a ajuda da escola. A estudante acredita que a escola pode ajudar tomando atitudes quando tais situações acontecem. Em sua opinião, a escola não ajuda as mulheres a se prepararem para situações de violências e, se sofresse agressão dentro da instituição escolar, recorreria a direção, mas afirma que nada seria feito e que ficaria sem amparo, pois só procuraria a polícia se a agressão fosse em casa. Descreveu a violência como quando uma pessoa se sente machucada, não necessariamente fisicamente, mas emocionalmente também.

Ambas as estudantes estão há três anos no colégio Aderbal Ramos da Silva e nunca vivenciaram, viram ou ouviram quaisquer posicionamento da escola quando se trata das violências, tanto geral, ou, especificamente, contra as mulheres. Essa situação é preocupante, pois observamos claramente que, por mais que suas realidades sejam diferentes, suas opiniões sobre a escola permanecem iguais. Estudantes, mulheres, que se enxergam desamparadas caso vivenciem tais situações, desamparadas em uma instituição educacional pública da qual estão frequentando há três anos, na duração de quatro horas por dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impossível deixar de notar a desigualdade de gênero quando se trata da mulher e fica mais claro na escola. Concluo que o colégio E.E.B.Aderbal Ramos da Silva encontra-se neutro sobre as violências, de vez em quando, colam-se cartazes promovendo a “cultura da paz”. Mas, por dentro, existe uma camuflagem, onde tem muitas adolescentes problemáticas e passando por situações de violências, que sem a ajuda do colégio é impossível identificar e ter alguma atitude que modifique essa realidade.

REALIZAÇÃO:



APOIO:



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEI MARIA DA PENHA. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. https://www.cairu.br/biblioteca/arquivos/Direito/lei_maria_penha.pdf.

ROLDÃO, Amanda Ieffa. **O papel da escola na problematização das violência de gênero**. 2016. UFSC (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola - GDE) - Florianópolis, 2016.

TAKIGAWA, Aparecida shiroko. **Pressupostos teóricos e breve revisão da literatura sobre violências contra mulher no Brasil**. 2016. UFSC (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola - GDE) - Florianópolis, 2016.